COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LESZCZYNSKI, Sonia Ana Charchut; VOLPI, Sandra Mara. A evolução da sexualidade e as causas e conseqüências de sua repressão ao longo do desenvolvimento físico, energético e emocional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [978-85-87691-13-2]. Acesso em: ____/____/____.

A EVOLUÇÃO DA SEXUALIDADE E AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE SUA REPRESSÃO AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO FÍSICO, ENERGÉTICO E EMOCIONAL: PERSPECTIVA PSICO-CORPORAL

Sonia Ana Charchut Leszczynski
Sandra Mara Volpi

RESUMO

Todo o desenvolvimento humano, da concepção à maturidade, está relacionado à sexualidade. Concebida pela abordagem psico-corporal como função responsável pela entrega máxima ao prazer e partindo-se da idéia de que o prazer assume diferentes formas nas diversas etapas do desenvolvimento, a sexualidade está presente do contato do bebê com sua mãe ao intercurso sexual entre pessoas adultas. Modificam-se, ao longo desse caminho, suas fontes, seus objetos, suas formas de se manifestar, bem como suas possibilidades de se elaborar, garantindo um crescimento saudável, ou, por outro lado, seus riscos de sofrer repressões, gerando neuroses.

Palavras-chaves: Desenvolvimento. Psicologia Corporal. Neurose. Sexualidade. Saúde.

A sexualidade é uma função central no desenvolvimento psicológico, da mesma forma que é inegável sua função reguladora da saúde física e emocional. Na visão da Psicologia Corporal, teoria e prática herdeira de conceitos psicanalíticos, sexualidade não é meramente genitalidade. Esta última é a tradução da sexualidade, em termos práticos, na vida adulta. No entanto, a sexualidade inicia seu desenvolvimento em fase bastante anterior à maturidade.

Nos primeiros anos de vida, as principais características da sexualidade, apontadas desde a teoria psicanalítica, dizem respeito à sua origem paralela às funções somáticas vitais, à sua expressão auto-erótica e à sua subordinação a determinadas zonas erógenas. Tais características relacionam-se a específicas etapas do desenvolvimento psicoemocional pelas quais passa a criança: oral, anal e fálica. Com isso, há que se reconhecer o caráter “sexual” da amamentação, do controle dos esfíncteres e da descoberta dos órgãos genitais, que se manifesta, respectivamente, nos atos de mamar e/ou chuchar, de reter e/ou expulsar as fezes e a urina e de reconhecer a diferença sexual anatômica e o prazer obtido na masturbação. Relacionam-se ainda a essas funções e ações a primazia de regiões específicas do corpo que, estimuladas, provocam sensações prazerosas, migrando segundo a seguinte ordem: boca, esfíncteres anal e vesical, órgãos genitais (FREUD, 1989).

Reich (1975) acrescentou a tais idéias preliminares desenvolvidas pela psicanálise, a de que a criança obtém prazer também no contato, o que inclui os órgãos dos sentidos como sendo também potencialmente erógenos. O resultado desse acréscimo foi a categorização de

uma etapa de desenvolvimento psicoemocional anterior à oral. Além disso, Reich assinalou o fundamental papel da sexualidade genital na regulação da energia biológica, postulando a função de descarga energética cumprida pelos órgãos genitais a partir da adolescência, o que o levou a considerar a especialidade de tais órgãos nessa função. Reich ainda reafirmou o cerne somático e psíquico das neuroses numa vivência insatisfatória da sexualidade. No entanto, ao invés de centralizar o cerne psíquico na questão edípica, conforme o fizera a psicanálise freudiana, apontou para a questão da auto-regulação do organismo que, desde a concepção, é responsável pela saúde como um todo, ou pela neurose, quando reprimida. A auto-regulação pode ser conceituada como a força do organismo livre de doenças e neuroses para reconhecer em si as necessidades naturais e operar sobre o meio de forma a alcançar a satisfação de tais necessidades. Na ausência da auto-regulação, usualmente provocada por uma educação repressiva, sobrevêm biopatias e o encouraçamento (REICH, 1983).

A sexualidade será tanto melhor elaborada quanto mais amplas forem as oportunidades dadas à criança, ao adolescente e ao adulto de auto-regularem sua energia sexual. Na infância, isso acontecerá por meio do respeito às necessidades e aos ritmos da criança, no que tange ao contato, à alimentação, ao controle e exploração prazerosa do próprio corpo; na adolescência, ao se assegurar a possibilidade do jovem vivenciar a sexualidade em concordância tanto com todas as modificações físicas que nessa fase da vida estão se processando, quanto com sua maturidade emocional para experimentar o contato sexual com seus pares; na maturidade, na medida em que for permitida a regular e qualitativamente positiva descarga das tensões sexuais. Em qualquer dessas fases, aplica-se à vivência da sexualidade o que Reich (1975) denominou potência orgástica: capacidade de se abandonar, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica. Entregar-se a esse fluxo oportuniza a descarga do excedente de energia e o equilíbrio do organismo, ou seja, a saúde. Contrariamente, a impotência orgástica é o bloqueio da energia. Uma vez acumulada e sem vias de descarga, a energia transmuta-se em angústia e se expressa em ações irracionais, típicas da neurose.

A energia é a força motriz de todo o desenvolvimento. Está envolvida em todos os processos vitais. O desenvolvimento em toda a sua amplitude – física, psíquica, social, cognitiva – direciona a energia para pontos no corpo que, sucessivamente, carregam-se, encontram-se com as respectivas funções vitais, assumem componentes afetivos e podem descarregar esta energia, por um lado, ou, por outro, sofrer com as conseqüências dos bloqueios.

O desenvo lvimento psicoemocional, o qual engloba a sexualidade dá-se na sucessão das seguintes etapas (VOLPI; VOLPI, 2008):

1. *Sustentação* (VOLPI; VOLPI, 2002, p. 130): refere-se ao desenvolvimento desde o período intra-uterino, quando, pouco a pouco, os órgãos dos sentidos vão se formando, a partir do ectoderma. O contato, primeiramente com o útero e posteriormente com as figuras humanas de referência é indispensável ao desenvolvimento emocionalmente saudável do ser humano, à sua sobrevivência emocional, tanto quanto o organismo é equipado com sentidos e funções que são responsáveis também por sua sobrevivência, a nível biológico. Da combinação de processos emocionais e biológicos compõe-se a identidade rudimentar do indivíduo. Tal identidade promove a comunicação entre a criança e o mundo desde muito cedo. O conjunto de estímulos a princípio indistintos (cheiros, imagens, sons, sensações táteis, gostos) que estimulam os sentidos da criança, pouco a pouco diferenciam-se entre si e se carregam de significados. A imagem da figura materna, por exemplo, deixa de ser apenas um estímulo visual e passa a representar a mãe; com ela, a possibilidade ou não do contato, do aconchego, da satisfação. Cresce na criança a sensação de pertencer ao mundo e de nele encontrar segurança. Caso a vivência do contato lhe seja negada, bem como suas conseqüentes sensações e a interação com o mundo, as percepções (incluindo-se a auto-percepção) desintegram-se.

2. *Incorporação* (VOLPI; VOLPI, 2002, p. 133): é a etapa responsável pela possibilidade da independência. A vivência da plena dependência no momento da amamentação, do vínculo com a figura que exerce a função materna, e até mesmo da simbiose que temporariamente une bebê e mãe em uma única célula narcísica é necessária à construção da noção primitiva de não-eu e de eu. Ao experimentar a satisfação da necessidade vital de alimentação, de início, o bebê desconhece de onde provém tal satisfação. Apenas registra a experiência de equilíbrio homeostático por ser suprido e, ao mesmo tempo, o prazer em ser aconchegado no colo. Pouco a pouco, a alimentação do bebê vai ganhando um ritmo, que deve ser a combinação da realidade externa, representada pela figura materna e as necessidades naturais da criança. Com isso, constrói-se outro lado da experiência, que é o da insatisfação, e que a Psicanálise chamou de princípio da realidade. Pouco a pouco, o bebê constrói uma memória muito rudimentar, composta por estes dois tipos de experiência: prazer e desprazer. Essa memória é de fundamental importância para o crescimento da consciência da separação entre bebê e meio, não-eu e eu. Na medida em que reconhece que ambas, satisfação e frustração, provêm do meio, este passa a existir na consciência da criança; e se o meio existe, o si mesmo também. Paralelamente, o amadurecimento físico, que permite que se incluam na dieta do bebê alimentos mais pastosos, coloca em funcionamento uma capacidade mais refinada de

digestão. Em outras palavras, o papel da amamentação perde naturalmente a sua força e o organismo humano passa a ter participação maior na digestão dos alimentos. Essa função equivale, a nível emocional, à possibilidade da independência, de sermos separados e reconhecermo-nos como seres únicos e responsáveis por nós mesmos. Essa vivência é a base para a confiança nos outros e em si mesmo. Se a independência não puder ser experimentada, com ela se perde também a autoconfiança.

3. *Produção* (VOLPI; VOLPI, 2002, p. 135): tendo a criança se separado da figura materna e exercendo plenamente sua condição de independência inclusive por meio de novas aquisições físicas e cognitivas, que se traduzem na mobilidade e na memória, a qual torna possível a constância das figuras de referência, é hora de alcançar a autonomia. O ritmo próprio, que num primeiro momento desta etapa diz respeito eminentemente ao controle esfincteriano, dá o compasso desse alcance.

4. Estabelecem-se a consciência de si mesmo, dos limites a serem respeitados, e da dimensão dos desafios a serem aceitos na vida. A satisfação e o orgulho de realização da criança ao poder controlar a eliminação das fezes e da urina é de fundamental importância para a manutenção do senso de si mesma e da concretização da perspectiva de autodomínio, inclusive sobre as próprias reações e expressões emocionais. Autodomínio, aliás, é um dos critérios de saúde propostos por Lowen (1986), nas formulações da teoria neo-reichiana denominada Análise Bioenergética. Em conjunto com a auto-percepção e a auto-expressão, alcança um importante patamar de realização nessa etapa do desenvolvimento, uma vez que seja mantida a espontaneidade e a criatividade própria do organismo humano. À criança é possível apreciar suas recém adquiridas capacidades e quanto mais estas forem reconhecidas, mais a criança poderá desenvolver uma saudável auto -estima. Por outro lado, é precisamente a auto -estima que se perde se a criança for manipulada ou humilhada nessa etapa.

5. *Identificação* (VOLPI; VOLPI, 2002, p. 136): inicia-se com a exploração do próprio corpo, especificamente dos genitais, o que, descobre-se nessa fase, provoca prazer. O interesse crescente pelos órgãos genitais leva à conseqüente descoberta das diferenças sexuais entre meninos e meninas. Baker (1980, p. 50) assinala que esta etapa é marcada por "[...] um orgulho transitório pela descoberta do genital, que progride até se transformar numa apreciação completa das funções masculina ou feminina deste órgão". Precisamente a diferença – "meninos têm pênis, meninas não têm..." – abre as portas à noção de gênero, sendo que a

criança pode então se reconhecer como homem ou mulher, buscando compreender o papel social associado a cada um deles. É claro que para que isso seja possível, nas meninas, é necessário que a energia prossiga seu caminho e vitalize a vagina. Como órgãos especializados à descarga energética, conforme descrito por Reich (1975), o contato com os genitais é potencialmente prazeroso e a masturbação surge como alternativa para a vivência da sexualidade neste momento. Mais tarde, a masturbação dará lugar ao contato sexual entre parceiros, o que irá reforçar ainda mais a consciência do gênero e a identidade. Ver a si mesmo como um ser sexual é a primeira etapa no desenvolvimento da sexualidade. É seguida pelo reconhecimento da orientação sexual, pela adaptação à excitação sexual e culmina na formação de vínculos baseados na possibilidade do exercício da sexualidade (PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W., FELDMAN, R. D., 2006). Sexualidade, por um lado, é uma função que oportuniza a consciência de si mesmo, dá marcha à identidade como ser único e separado dos demais, e, por outro lado, impulsiona à proximidade, à intimidade, ao contato com pares. Naturalmente a criança busca a proximidade com suas figuras de referência – materna e paterna – e nesse contato expressa sua sexualidade, sua amorosidade. Para a criança livre de repressões, vale lembrar, a expressão da sexualidade dá-se de maneira integrada a outras emoções. Em geral, os adultos, infelizmente já indelevelmente encouraçados em sua função sexual, manifestam nesse contato seus medos e suas frustrações. Isso ocorre porque sua sexualidade adulta, freqüentemente, não é vivida satisfatoriamente e o excesso de energia acumulado coloca-os no risco de responder à aproximação da criança desde um padrão sexual adulto. Na melhor hipótese do ponto de vista neurótico, reagem rejeitando a sexualidade da criança da mesma maneira que rejeitam a sua própria. Se, por outro lado, atuarem sua sexualidade adulta junto à criança, o risco de abuso ou o próprio abuso faz-se presente. Quando isso acontece, rompe-se para a criança a integridade do sentimento e separam-se o amor da sexualidade.

Na continuidade dessas etapas básicas do desenvolvimento, encontra-se a genitalidade, que tem seu início na adolescência. Se o adolescente, conforme afirma Reich (1986, p. 67): "[...] está frustrado sexualmente, quer dizer quando sofre com a sua insatisfação sexual, ele supera, quando é saudável, os obstáculos que o refreiam ou então, o que é muito mais corrente, por causa da repressão sexual infantil anterior, ele recalca a sua sexualidade".

A superação ou o recalcamento serão responsáveis diretos pela formação ulterior do caráter, o qual será tanto mais saudável e menos neurótico quanto maior o vigor biológico, herança da primitiva capacidade de auto-regulação do organismo, empregado para superar os obstáculos impostos ao desenvolvimento psicoemocional. Da mesma forma, o contrário é verdadeiro: se a neurose sobrepujar a saúde, o encouraçamento e a instalação do caráter

neurótico serão o inescapável destino.

Segundo Reich (1988): "Sexualidade é simplesmente a energia vital produtiva. Sua repressão significa, não somente no campo médico, mas de forma ampla e geral, perturbação das funções vitais fundamentais [...]" (REICH, 1988, p. 24).

Assim, estamos diante de uma escolha: ou optamos pela natureza ou estaremos fadados a perpetuar um modelo compulsivo de educação como única prática capaz de "dominar" uma sexualidade desprovida da capacidade de auto -regulação. Se a opção for a natureza, cabe a cada um de nós, diante de nossas próprias vidas e em nosso meio, preservar a força dessa "energia vital produtiva" e empregá-la em prol do desenvolvimento humano mais saudável possível.

REFERÊNCIAS

BAKER, E. **O Labirinto Humano**. Causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago (1905) 1989, p. 118-216.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

LOWEN, A. **Medo da vida:** caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo. Summus,1986.

REICH, W. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1975.

REICH, W. **Children of the Future**. On the Prevention of Sexual Pathology.1st ed. New York: Farrar, Straus Giroux, 1983.

REICH, W. **A revolução sexual**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. REICH, W. **O combate sexual da juventude**. São Paulo: Epopéia, 1986.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a psicologia corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. Crescer é uma aventura! Desenvolvimento emocional segundo a psicologia corporal. In: TRIMBOLI, A. et al. **Modernidad, Tecnología y Síntomas Contemporáneos**. Buenos Aires: Associación Argentina de Salud Mental, 2008.

Sonia Ana Charchut Leszczynski/PR - Psicóloga, Master of Arts pela University of Iowa, PhD in Education pela University of Iowa, Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
E-mail: soniana@utfpr.edu.br

COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LESZCZYNSKI, Sonia Ana Charchut; VOLPI, Sandra Mara. A evolução da sexualidade e as causas e conseqüências de sua repressão ao longo do desenvolvimento físico, energético e emocional. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [978-85-87691-13-2]. Acesso em: ____/____/____.

Sandra Mara Volpi/PR - Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica, Psicopedagogia, Psicoterapia Infantil, Psicologia Corporal e Análise Bioenergética (CBT). Mestranda em Tecnologia (Universidade Tecnológica Federal do Paraná). Organizadora e Presidente dos Encontros Paranaenses, Congressos Brasileiros e Convenções Brasil/Latino- América de Psicoterapias Corporais. Diretora do Centro Reichiano.
E-mail: sandra@centroreichiano.com.br